



Fundado no Sesquicentenário
da Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL
2010 - Bicentenário de Sampaio

Ano 2010

Nº 104

REVISTA MILITAR BRASILEIRA

Ano 26 – 25 de agosto de 1936 – n° 3

Edição comemorativa ao 133º aniversário de nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva
DUQUE DE CAXIAS

Texto de autoria do biógrafo, historiador, orador e jornalista brasileiro Paulo José Pires Brandão (1884 - 1953) sobre
o Império, Exército, República e Caxias

Por nada ter havido, a nau de Estado corria calma num mar de paz e progresso. O Paço Imperial ficou deserto de militares. O Imperador não amava Marte e preferia as pacíficas vitórias da deusa da sabedoria às temerárias ousadias do deus da guerra. Metido com os seus livros, a frequentar academias e interessando-se por altos problemas de educação e saúde, não visitava quartéis nem fortalezas, esquecia-se que o que sustenta as monarquias é o imperialismo militar e a garantia dos tronos está nas baionetas e nas bocas de fogo.

Não dava festas, bailes, recepções para estar em contato com os oficiais e mesmo para que eles pudessem mostrar as suas fardas bordadas a ouro e os peitos cobertos de medalhas, cruces e condecorações que a bravura conquistara. Ao contrário, fechava os seus salões, negava-lhes as posições políticas, e, pouco a pouco, ia reduzindo mais a mais o efetivo do Exército e — afirmam até alguns historiadores — no último gabinete de ministro da monarquia havia um projeto de lei para dissolver o Exército, substituindo-o pela Guarda Nacional.

É preciso notar que a guerra com o Paraguai durou bastante tempo; dos campos de batalha não regressavam os soldados para os campos da agricultura com a mesma simplicidade do antigo romano, e chegando de cumprir um dever traziam na consciência o prêmio do sacrifício que o notabilizara.

Depois do Paraguai, ser militar era sinônimo de herói. Quando algum passava pelas ruas e praças da cidade era admirado e contemplado pelo povo que o apontava e com entusiasmo comentava: é um bravo que passa, olhem as suas medalhas e as suas cicatrizes!

Mas infelizmente o tempo que tudo apaga fez esquecer não só a guerra do Paraguai como o soldado também, e assim, sem glórias, sem posição política, não podendo conformar-se com o ostracismo em que caíra por força de consequência, veio a República.

Quem fez a República não foram absolutamente os descontentes com a Lei de 13 de maio de 1888 e sim os militares descontentes com o ostracismo em que se encontravam.

Ela se fez pelo Exército e pela Armada, em nome do povo. O militar é, por sua natureza, aristocrata; dele nasceram a nobreza, as ordens de cavalaria e as posições hierárquicas do mando, tendo por base a disciplina.

A crença das multidões é feita não por lentos processos de raciocínio e bom senso, mas sim por súbitos clarões de relâmpagos nas emoções do momento.

E assim a República é muito mais aristocrática do que era a monarquia, mesmo porque as democracias se fundam pelo povo nas revoluções das ruas e praças públicas e não pela revolta de quartéis.

Em 15 de novembro de 1889 Caxias estava morto, senão, de qualquer maneira, seria para o Brasil o que foi para a Alemanha o Marechal Hindenburg.

Das feridas e cicatrizes dos nossos soldados, da virtude de nossas mulheres, nasceu a pátria brasileira livre e integrada em toda a sua inteireza territorial, para espanto e respeito do mundo civilizado.

O que falta à Nação é o Conselho de Estado.

O que falta ao Exército é um homem da envergadura de Caxias, pois sabedoria, talento e bravura ninguém como estes verdadeiros guardas da pátria têm, e a têm de sobra, porque sempre a souberam defender com verdadeiro amor, não vendo em sua marcha, peste, fome, calor ou frio ou a própria morte que os detenha.

A calma, o equilíbrio intelectual na luta, a firmeza nos revezes, a magnitude na vitória levaram Caxias ao capitólio da glória. Ele é e será sempre o ídolo do Exército, e o Exército é a Nação.

Diz a Ilíada que a ferrugem da lança de Achilles curava as mesmas feridas que a lança fizera.

A ferrugem da espada de Caxias ainda hoje incute bravura e patriotismo ao soldado brasileiro, porque dentro dela está a alma brasileira.

Salve Caxias !

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara, Porto Alegre, RS

Notícias:

Futuros acadêmicos, a serem empossados:

- no 2º semestre de 2010: Cel Edu Campelo de Castro Lucas (em Porto Alegre, 13Set)
Cel Ivo Benfatto (idem)
Cel Reinaldo Corrêa (em Santiago, dia 18Set)
Sgt Carlos Fonttes (idem)
Dr. Frederico Euclides Aranha (em Porto Alegre, 20Set)
Dr. César Pires Machado (idem)
- no 1º semestre de 2011: Cel Leonardo Roberto Carvalho de Araújo
Sub Ten Evilácio Barbosa Saldanha
- ainda sem data definida, em Caxias do Sul: Sr. Juarez Nunes da Silva.

Visite o site da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

www.ahimtb.or.br